

(clandestino)

atravesso e trago a barba
na face por fazer:
metade na ausente
precariedade de pêlos
metade na presente
visibilidade de pêlos
ela é meu horóscopo
meu ouro meu ori
meu faro
meu anjo
meu tesouro
repito meu destino assim
em mim sem fim
forço fronteiras
não me detenho
não confio nem sou confiável
de mim desconfio de mim me desvio
cruzar fronteiras é meu ofício
minha dupla vida única
minha única dupla morte
e toda vida toda morte todo ofício
é trabalho do corpo
indeciso à difícil
superfície da pele
com a qual recuso ao dia e à noite
qualquer proteção do convívio
com os bons os maus e
com a tempestade

(travessias)

arrasto o que rasga essa história
atravesso estradas
que se estendem à minha frente
atravesso olhos
alheios para os lados
atravesso portas
que se trancam a cadeados
atravesso o campo
de guerra dos doentes
atravesso o avesso
de cada um desses versos
e canto os restos
recolhidos da ressaca
canto os risos
e acolho o que passa
por cima e por baixo
lugar sem assento
círculo sem centro
sensação de dívida
que divide a vida
e dilacera adúltera
violenta a quimera
que em meu peito mora
eu que nunca fui inteiro
eu filho de imprevisto destempero
eu dádiva do ponto cego
eu banido destino
zero de afeto
entre contrários opostos simétricos
que apostam e se metem
em contrato incompleto

puro ato desejo reto
resposta do futuro
meu discurso sem uso
(in)certo passo da dança
teatro de encontros entrecortados
no arquivo que sou sinto vivo

(carteira de identidade)

esta cidade não me salva
nasci fora de suas fronteiras
pai e mãe são meu medo
dupla a derrota
tatuada em meu corpo
como cicatriz da história

esta cidade não me basta
sou bastardo em sua memória
tenho um não-lugar além
sou estranho a toda estória
irredutível ao que se exprime
em seu fado em suas horas

esta cidade arde a aurora
que carrego entre as pernas
– meu pau de pé –
uma origem tão cinzenta
quanto um amor tangente
ao ódio – amor angelicais

esta cidade não me acalma

sua língua trava minha boca
sua luz queima meus olhos
mas salto seus muros
com o roteiro de desencontros
que definem meu destino

(city tour)

o perigo da luz
desce e descasca
muros e túmulos
com cor navalha

um grito surdo
de desistência
do que não resta
e nunca restou

desistir em reaver
avenidas de vale
pobreza beleza
choro e solidão

que não validam
a minha a sua
a vida corrupta
de ninguém

sem saídas
juros de mora
concordata e

falência final

é o ápice do risco
o mesmo sítio
o mesmo assalto
você a esmo

esse sol imóvel
no pensamento
mística da mente
pés pelo vento

riscam as calçadas
sem parapeitos
praias e parques
da arruinada cidade

cujos turistas
testemunham
sob os bonés
o impossível fim

(anonimato)

a mãe come com as mãos
o pai come com os olhos
o tio come com os pés
o filho come pelas beiradas
e a anoréxica não come

já eu como feito um crime
que cometo ao sabor de

culpa rancor fome
de noite me deito e relembro
a história que me consome

tenho o gosto da própria carne
e do próprio sangue no abdome
é entre os dez dedos roídos
e os muitos dentes doídos que vivo
o dissabor de uma história sem nome

(1)

Alguns diriam – caro amigo –
o mundo está à mercê
da vileza que põe a perder
monumentos belos gestos
devaneios eu você

O sublime se esgarça – é verdade –
mas a poesia – isso não diriam –
está fechada na mão de quem
nada lucra da vida
nada vale na guerra
nada ganha na bolsa
prêmio nenhum alcança
além da própria mendicância

Eis os homens não mudam
ao contrário dos poetas
cuja imagem na praça
é de ruína – estátua muda –

à qual todos se furtam
pois não mais medusa
e cuja usura está no abuso
da palavra-caco – “tradição”